

**a cena médica**E-mail: scliar@zerohora.com.br

Células e coringas

**MOACYR SCLIAIR**

O recente caso da paciente Maria das Graças da Pomuceno, que, depois de receber um implante de células-tronco, recuperou-se de um acidente vascular cerebral, e as pesquisas mostrando a recuperação cardíaca de doentes com Chagas mediante as mesmas células-tronco, chamou dramaticamente a atenção do público brasileiro para um procedimento que, ainda experimental, já se revela extremamente promissor. O transplante de células-tronco está sendo usado no tratamento de doenças como Alzheimer, Parkinson e esclerose múltipla, na reconstituição da medula espinal de paraplégicos ou tetraplégicos (10 mil casos a cada ano no Brasil), em doenças cardíacas, no diabetes, em leucemias, enfermidades renais. É como se fosse um transplante, mas um transplante de células capazes de adquirir as características dos órgãos em que se localizam, o que é simplesmente fantástico. No baralho celular, a célula-tronco é o coringa, equivalente a qualquer outra carta; ou é a humilde peça que, no jogo de xadrez, chega ao limite do tabuleiro e magicamente transforma-se em poderosa rainha.

As principais fontes das células-tronco são a medula dos ossos, o sangue, e, desde 1988, os cordões umbilicais humanos, que até então eram jogados fora. Surgiu então a idéia de armazenar cordões umbilicais, o que, claro, só pode ser feito num lugar especial, semelhante ao banco de sangue. O primeiro banco de cordões umbilicais foi criado nos

Estados Unidos em 1993 e desde então estabelecimentos similares surgiram em vários lugares do mundo. Com isso cresceu muito o número de transplantes. Deles, beneficiam-se particularmente crianças portadoras de leucemia, a forma mais frequente de câncer na infância.

No RS já temos o Instituto de Pesquisa com Célula-Tronco (IPCT), criado em 2004 graças ao entusiasmo e à dedicação da doutora Patricia Pranke, professora de hematologia da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica (PUCRS).

Existe um aspecto polêmico neste tipo de tratamento: é a utilização das células-tronco embrionárias. A polêmica tem conotações religiosas e filosóficas: o embrião é um conjunto de células ou é um ser humano autônomo? Questão semelhante àquela que diz respeito ao transplante de órgãos de pessoas com morte cerebral. Observa Draúzio Varela: "Pessoas que se dizem piedosas julgam mais importante a vida em potencial existente num agrupamento microscópico de células obtidas em tubo de ensaio do que a vida de uma mãe de família que sofreu um infarto ou a de um adolescente numa cadeira de rodas."

A polêmica certamente se prolongará, mas, enquanto não surge uma solução, existem coisas que podem ser feitas, e aproveitar o cordão umbilical é uma delas. Vale a pena trabalhar nisso.